



NOVO NORMAL: O PROCESSO AVALIATIVO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Rayane Silva de Souza¹
Lidiane Aparecida de Almeida²

INTRODUÇÃO

A avaliação, ao longo da história, vem ganhando mais enfoque no campo da investigação educacional em função das mudanças sociais, gerando desafios nos espaços teóricos, metodológicos e práticos (AFONSO, 2014, p. 488).

A eficácia dos métodos de avaliação e as exclusões que ocorrem por conta dos processos avaliativos são alguns dos conflitos entre a promessa do direito e acesso igualitário de todos à educação e o impacto dessas ações excludentes na escola. Segundo Oliveira e Vidal (2019, p. 27): “[...] Sem uma crítica radical a esses ideais, teremos dificuldades para enfrentar os processos de exclusão que permanecem sendo engendrados nas práticas avaliativas nos cotidianos escolares”.

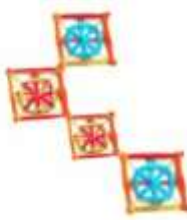
A partir dos contextos educacionais é necessária uma consideração sociológica sobre a educação e das ações educacionais, onde essas devem atender às origens sociais e culturais dos estudantes, considerando suas caminhadas individuais e coletivas, incluindo as diferenças que integram o espaço escolar. O desafio assumido é reconstruir e ressignificar práticas e ideias que viabilizem a democracia da escola (CANDAUI, 2011, p. 249).

A ação de avaliar é um processo investigativo e conflituoso e por outro lado, exige um enquadramento das ações docentes para promover aprendizagens significativas e melhoraria do ensino ofertado. Em razão disto, a avaliação não pode ser mais um obstáculo pedagógico, portanto se faz necessário romper com uma concepção avaliativa segregadora e meritocrática.

Agravando esse cenário, o ano de 2020 enfrenta uma crise na saúde vivenciada pela pandemia causada pelo vírus COVID-19, atravessando barreiras geográficas e se constituindo um inimigo de cunho mundial. São adotadas medidas de isolamento social para evitar a

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, rayaneufrj@gmail.com;

²Professora orientadora, Doutora, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, lidialmeida0909@gmail.com.



disseminação do vírus, incluindo a suspensão das aulas presenciais. Dessa forma, determinou-se a reconfiguração de ensino: as atividades presenciais passaram a ser *online* através de ferramentas digitais. E esse modelo de educação remota permanece enquanto houver crise sanitária, amparado legalmente pelo Ministério da Educação (MEC), através do Parecer CNE/CP Nº 5/2020 (BRASIL, 2020).

Assim sendo, este estudo propõe analisar as necessárias adaptações das atividades presenciais para atividades remotas, incluindo a reformulação dos processos avaliativos em cumprimento da carga horária mínima anual conforme regulamenta o Conselho Nacional de Educação (CNE).

METODOLOGIA

O presente estudo parte da necessidade de se refletir sobre as estratégias que estão sendo utilizadas, nas diversas áreas da sociedade, frente à pandemia do COVID-19, com enfoque das adaptações do sistema educacional, para conter os impactos ocasionados pelo vírus.

Nesse contexto, existem questionamentos acerca das abordagens práticas e, principalmente, avaliativas que estão sendo utilizadas na modalidade de ensino remoto. Assim, a abordagem metodológica utilizada é considerada exploratória, a partir de levantamentos bibliográficos e reflexões de práticas de ensino.

Além do mais, não objetivando encaminhar procedimentos a serem seguidos, mas, refletir sobre as práticas avaliativas adotadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ato de avaliar sempre foi uma preocupação e nesse cenário pandêmico, a avaliação gerou maiores preocupações. Nesse contexto, são levantados alguns questionamentos, como a importância da avaliação, a sua elaboração e sua legitimidade.

A avaliação é encarada como um instrumento de medida da aprendizagem, com referência ao educador Cipriano Luckesi, Oliveira e Vidal (2019, p. 26) fazem o seguinte apontamento, “[...] Um modelo de escola configurado pela atuação de um único professor responsável pela aprendizagem simultânea de um grupo de estudantes. Um modelo de escola que se mantém hegemônica no século XXI”.



Para Moretto (2010, p. 115), “A avaliação da aprendizagem é angustiante para muitos professores por não saberem como transformá-la num processo que não seja mera cobrança de conteúdos aprendidos de cor, de forma mecânica e sem muito significado para o aluno”. E não somente para o professor, como também para os alunos.

Nessa concepção, a atuação do professor possui uma importante ação no aprendizado de seus estudantes. Essa atuação deve levar em consideração as desigualdades que ocupam a escola e ocorrer na construção colaborativa do conhecimento e na efetividade de uma aprendizagem, alinhando com o objetivo que se espera alcançar ao elaborar um instrumento avaliativo (ORTIGÃO; OLIVEIRA, 2017, p. 99).

Segundo Candau (2011, p. 249), “[...] busca de como trabalhar de modo mais efetivo a articulação entre as questões relativas às diferenças culturais e os chamados temas próprios da didática – planejamento, seleção de conteúdo, técnicas de ensino, avaliação etc.”.

Com o intuito de garantir o direito de todos, em condições iguais de oportunidades e acesso, um grande desafio é articular toda diversidade existente no ambiente escolar aos conteúdos formativos que a escola deve trabalhar, com experiências concretas dos alunos em seu meio sociocultural.

A insegurança, perante a situação inédita vivenciada neste período de pandemia, trouxe implicações e reformulações para o processo de avaliação. E é nesse momento que sua efetividade volta a ser questionada, possibilitando refletir sobre possíveis mudanças.

A reinvenção dos processos educacionais amplia a possibilidade de utilização de ferramentas digitais e mídias sociais para estimular e orientar os alunos. Assim, tornado a ação de avaliar ainda mais desafiadora, pois se faz necessário também reinventar os tradicionais processos de avaliação adotados por grande parte das escolas.

Nessa perspectiva tradicional, o professor é responsável por saber, planejar e apresentar os conteúdos aos alunos, que por sua vez ficam incumbidos de aprender o que é posto e apresentarem resultados através das verificações de aprendizagem. Para Afonso (2014, p. 491), “[...] consequências, dificilmente isentas de tensões e contradições, que se desenvolvem ou podem desenvolver, de modo intencional ou não intencional, entre os diferentes modelos, formas ou dispositivos de avaliação [...]”.

Em contrapartida, no novo contexto, a avaliação na modalidade *on-line* exige adaptação do currículo, respeito ao cotidiano dos alunos, flexibilidade na realização das atividades, levando em consideração o ritmo individual de cada aluno. Esses deixam de ser avaliados de forma única e passam a ser avaliados durante todo o processo, como por exemplo, durante a participação e trocas ocorridas durante uma aula *on-line* (ANDRÉ, 1996, p. 19).



Para Miller (2014, p. 2048), “[...] com subjetividades incorporadas, conflitantes e em conflito, [...] dão forma ao que é “oficialmente” construído, experimentado e “compreendido” como currículo e ensino”.

O processo de reorganização das estruturas curriculares na modalidade de ensino remoto exigiu não somente a utilização de novos meios e metodologias, como também a ressignificação dos saberes teóricos e da prática. Acentuando ainda mais a ruptura das práticas tradicionais da educação (ORTIGÃO; OLIVEIRA, 2017, p. 96).

Dessa maneira, é fundamental a elaboração de práticas didático-pedagógicas que facilitem a aprendizagem significativa e estimulem a autonomia do aluno na produção de conhecimento, intermediado pelo professor. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um olhar novo recebeu o processo avaliativo dos estudantes frente à crise vivenciada pela pandemia. Uma vez que por meio da avaliação tradicional era atribuída uma nota ao aprendizado do aluno e as tecnologias educacionais eram consideradas como um diferencial, o professor tornou-se essencial em se readaptar, reorganizar suas práticas e reestruturar a avaliação em concordância com a forma de ensino.

A distância que o ensino remoto trouxe entre o professor e o aluno impossibilita um acompanhamento mais individualizado frente às dificuldades apresentadas, levando a reflexão do quanto há de importante nessa relação. No ensino presencial, é possível que o professor analise, identifique as possíveis dúvidas e ofereça possibilidades para aprimorar a aprendizagem dos seus alunos.

No atual cenário, se fez necessário maior entendimento dos professores com o intuito de reduzir os impactos dessa crise, enfatizando a necessidade de uma autorreflexão da prática e aplicabilidade com a realidade em que atua, em buscar de novos caminhos para uma aprendizagem significativa.

Esses caminhos foram caracterizados pelo uso de ambientes virtuais de aprendizagem, mensagens e comentários durante as aulas e ferramentas tecnológicas. Por meio desses processos é possível fazer um levantamento do quanto está sendo aprendido pelos alunos e quais conteúdos precisam de novas abordagens.



Conforme Ortigão e Oliveira (2017, p. 93), “para que a avaliação não se torne mais um obstáculo no processo de aprendizagem é necessário romper com uma concepção avaliativa que somente julga e rotula, segregando os alunos que não seguem um padrão estabelecido”.

E principalmente, questionar qual é o efetivo papel das avaliações e sua função no processo de ensino-aprendizagem. A atenção desse processo deve ser voltada para o estudante, oferecendo assistências necessárias para superar as lacunas na aprendizagem identificadas. É emergente pensar em soluções para que não haja aprofundamento das desigualdades educacionais e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história da educação, o ato de avaliar sempre indicou um processo complexo. Dentro do contexto pandêmico, a educação tradicional teve que ser reinventada e trouxe para os docentes uma reflexão a respeito da necessidade de adequar-se.

Além disso, ressaltou-se a importância de políticas públicas voltadas à desigualdade social e econômica e da necessidade de uma reconfiguração das avaliações que considerem a subjetividade individual e coletiva.

Em síntese, mesmo diante de uma situação desafiadora e única, evidenciou-se que é possível explorar e criar novas formas de registrar, de planejar e avaliar o processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação; autorreflexão; aprendizagem significativa; pandemia.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. Avaliação escolar: além da meritocracia e do fracasso. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 99, p. 16-20, nov. 1996.

AFONSO, A. J. Questões, objetos e perspectivas em avaliação. **Avaliação**, Campinas, v. 19, n. 2, 487-507, 2014.



BRASIL. **Parecer CNE/CP Nº: 5/2020.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 29 set. 2020.

CANDAU, V. M. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, v.11, n. 2, 240-255, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

MILLER, J. L. Teorização do currículo como antídoto contra/na cultura da testagem. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 3, 2043-2063, 2014.

MORETO, Vasco Pedro. *Prova*: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. 9. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

OLIVEIRA, C. S.; VIDAL PEREIRA, T. Desconstruindo os mitos de avaliação na educação básica. In: BASTOS LOPES, D.; VIDALPEREIRA, T. In: **Currículo e Diferença na Educação Básica**: diálogos nos colégios de aplicação. Rio de Janeiro: CRV, 2019. p. 23-34.

ORTIGÃO, M. I. R.; OLIVEIRA, R. L. Diferença e insubordinação criativa: negociando sentidos com a avaliação. **REnCiMa**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 91-105, 2017.